

Philip Rahtz

Convite à Arqueologia

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Rahtz, Philip A.

Convite à arqueologia / Philip Rahtz: tradução de Luiz Orlando Coutinho Lemos. — Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989.

(Série Diversos)

Tradução de: Invitation to Archaeology.

Bibliografia.

Índice.

ISBN 85-312-0064-4

I. Arqueologia. I. Título. II. Série.

CDD — 930.1

CDU — 930.26

S9-0390

(Série Diversos)

Direção de
JAYME SALOMÃO



0.179.699-5

UFSC-BU



IMAGO EDITORA
— Rio de Janeiro —

QUEM SÃO OS ARQUEÓLOGOS?

ARQUEÓLOGOS DE SUCESSO

Ao discutirmos os diversos fatores que se combinam para gerar ou formar o arqueólogo, devemos nos restringir aos que tiveram "sucesso" no campo: os que trabalham em regime de tempo integral em universidades, museus, unidades de campo ou na administração pública, ou que são amadores excepcionalmente talentosos. Estes últimos, embora ganhem a vida em atividades sem nenhuma relação com a arqueologia e fúteis como contabilidade, foram os que conseguiram uma grande fama regional, nacional ou internacional com seu trabalho. Um deles foi Leslie Grinsell, que, embora trabalhando como bancário, visitou mais de 20.000 sepulturas da Idade do Bronze na Inglaterra, num período de mais de 20 anos, e tornou-se uma autoridade no assunto.

Para ser eficiente em arqueologia, é preciso ser ou uma pessoa mediana, que faça de tudo um pouco, como eu, podendo realizar um razoável trabalho de escavação num sítio, publicar os resultados, fazer uma pesquisa de menor importância, dar conferências, viajar, escrever ou organizar livros, ou lecionar para estudantes; ou um brilhante teórico, que nunca sequer se aproxime de uma escavação; ou um sintetizador do trabalho publicado de outras pessoas; ou um especialista, como por exemplo a maior autoridade em afrescos romanos ou em eixos de rodas da Idade-do-Ferro.

Diz-se sempre que há uma variação maior entre os estudantes que tiram os primeiros lugares (os primeiros colocados comuns, os bons, os brilhantes e os gênios) do que entre estes e os grupos maiores de alunos colocados nos segundos e terceiros lugares. O mesmo acontece

com os arqueólogos. Os arqueólogos da primeira classe são os que têm uma reputação internacional e figuram, ou vão figurar, em qualquer livro sobre a história do assunto. São os Darwins ou os Einsteins da arqueologia. Assim foram o General Pitt-Rivers, fundador da moderna arqueologia científica; Gordon Childe, europeu teórico da pré-história; Mortimer Wheeler, talvez o mais famoso arqueólogo, conhecido tanto para os acadêmicos quanto para o público leigo, pela televisão; e, atualmente, Lewis Binford, dos Estados Unidos, e o falecido David Clarke, de Cambridge. Essa lista é altamente discutível, e os leitores que forem arqueólogos estão convidados a preparar sua própria lista.

Na segunda categoria estão aqueles que, apesar de não terem (até agora?) a reputação mundial dos que foram citados, são muito eficientes em seus campos de trabalho, fazendo importantes contribuições. Seria ainda mais discutível fazer uma lista deles, e fico mais seguro se enumerar apenas alguns dos que já faleceram:

- (1) Flinders Petrie, egiptólogo;
- (2) Leonard Woolley, escavador de Ur;
- (3) Abbé Breuil, estudioso francês do paleolítico;
- (4) Kathleen Kenyon, escavadora de Jericó;
- (5) Ian Richmond, decano da Bretanha romana;
- (6) Eric Higgs, estudioso da pré-história de Cambridge;
- (7) Arthur Evans, descobridor da Creta minóica;
- (8) Michael O'Kelly, o maior dos arqueólogos irlandeses e escavador de Newgrange.

Sem dúvida, um norte-americano teria feito uma lista diferente da minha, que é tão insular. Uma terceira categoria incluiria centenas de nomes, do passado e do presente, mas espero já ter mostrado como são raras os destaques numa atividade profissional que, afinal de contas, é pequena se comparada, digamos, com a história.

O ARQUEÓLOGO COMPLETO

Graham Clarke (1965) descreveu o arqueólogo completo da seguinte forma:

O completo arqueólogo, se existisse um ser assim, precisaria ter o dom de viajar, explorar e reconhecer: ter habilidades comerciais e administrativas, com talento para levantar fundos e obter todos os tipos de licença por parte de autoridades e proprietários, entre os quais poucos podem ganhar com as atividades arqueológicas, e capacidade para administrar e dirigir escavações que podem se tornar empreendimentos de larga escala: ser um competente pesquisador, desenhista e fotógrafo, de modo a fazer o devido registro de tudo o que encontrar: reunir um dom para a descrição exata e para a análise com um poder de síntese e um instinto jornalístico; e ter facilidade para aprender idiomas, ou, no mínimo, a capacidade para ler os relatórios de seus colegas estrangeiros, sem os quais os seus relatórios ressentirão a falta de autoridade que somente muita leitura e comparação podem propiciar.

É uma imensa relação de atributos para qualquer pessoa. Nem todos são necessários para o arqueólogo de sucesso, particularmente para o especialista. O que *todo* arqueólogo precisa é, não necessariamente nesta ordem, de um grande interesse pelo passado ou pela teoria da arqueologia, beirando as raias do fanatismo; uma capacidade de executar continuamente um trabalho difícil, em geral longe das condições ideais, seja no campo, na biblioteca ou no museu; uma alta margem de tolerância e aceitação para com os aborrecimentos; uma ativa, porém controlada, noção de ordem, padrão, processo e significados; uma imaginação visual e conceitual e uma ampla perspectiva cultural; e, de preferência, embora não obrigatoriamente, uma capacidade para se comunicar com outros seres humanos por escrito ou oralmente. Como a arqueologia trata de todo o passado da experiência humana, é especialmente útil ser uma pessoa prática, sabendo como as coisas funcionam, com alguma noção de como funciona uma fazenda, de como se ergue uma construção e de que destino se dá aos mortos.

Como reconhecer esse modelo ainda em embrião? Será que é possível afirmar: "lá vai o futuro David Clarke, ou Lewis Binford", ao se deparar com estudantes do primeiro ano, com a média de idade entre 18 e 19 anos? Pergunto a eles, e a mim mesmo, "quais de vocês vão continuar, em qualquer nível: quais de vocês vão estar *realmente* fazendo arqueologia daqui a 10 anos, e quais terão desistido e ingressado em outras profissões?" Para obter êxito na arqueologia é preciso *ter vontade suficiente* (uma frase muito sugestiva); é preciso ser *suficientemente*

talentoso: e é preciso, de um modo ou de outro, ter *sorte*. Nenhum desses fatores vale por si só. Eu também lhes digo que, apesar da pouca perspectiva de carreira, não conheço nenhum arqueólogo realmente bom que não tenha algum tipo de emprego em arqueologia, embora o trabalho seja desagradável ou mal pago; mas que conheço muitos arqueólogos de segunda que trabalham sem merecerem estar empregados!

Em que idade se deve começar? A maior parte dos estudantes do primeiro ano teve pouca ou nenhuma experiência. Barry Cunliffe, hoje professor de Arqueologia em Oxford, tinha, contudo, interesse suficiente para realizar trabalho de campo antes dos 10 anos; Stuart Piggott (ex-professor de Arqueologia em Edinburgh) lecionou numa viagem de campo da Sociedade da Pré-História quando tinha 14 anos (mas não sabiam sua idade quando o convidaram!); Martin Biddle (que dirigiu a grande série de escavações em Winchester) e Lawrence Barfield (hoje na Universidade de Birmingham) dirigiram juntos uma importante escavação enquanto ainda estavam estudando; George Boon publicou seu relatório de escavação de uma grande vila romana antes de completar 21 anos; e podem-se encontrar muitos outros exemplos de prodígios assim, que fogem à média dos estudantes.

O que precisamos conhecer sobre os arqueólogos para descobrir o que os faz ter vocação é sua família, as bases genéticas e culturais; quem, ou o que, os influenciou na escola ou na universidade; que oportunidades surgiram para eles nos anos que se seguiram, e como e por que eles reagiram a essas oportunidades da forma que o fizeram. Tais dados seriam interessantes por si sós em nossa atual pesquisa sobre quem é quem e por que, mas também são úteis para que possamos avaliar sob esse prisma os trabalhos publicados. Quais as predisposições (religiosas, marxistas, deterministas, etc.) provavelmente inerentes a suas abordagens terão de ser aceitas por nós? Sugeriu-se que os arqueólogos devem se submeter à psicanálise periodicamente durante a vida, para que possam assim minimizar essas predisposições ou esclarecer sua existência ao apresentarem uma visão "distorcida".

OS CAMINHOS PARA O ÊXITO

Muitos arqueólogos profissionais chegam ao setor por um caminho convencional: o interesse pela arqueologia na escola, a graduação em arqueologia, a tese de doutorado, a experiência em atividade de campo

A HISTÓRIA DE UM HOMEM

ou acadêmica. Barry Cunliffe passou por essa seqüência, após seu início precoce; ele dava conferências com pouco mais de 20 anos e foi indicado para professor de Arqueologia em Southampton aos 26. Entre os "100 mais" da arqueologia britânica, é surpreendente o número de profissionais que não seguiram esse caminho. Vários não fizeram nenhuma faculdade (como o professor Stuart Piggott e eu); muitos se formaram em Direito, História ou Ciências e cursaram Arqueologia apenas como pós-graduação. Alguns só se dedicaram a ela após a aposentadoria. O mais notável entre estes foi Eric Higgs. Ele era criador de ovelhas em Shropshire, e tinha um interesse amadorístico na arqueologia paleolítica. Aos 56 anos ele ingressou em Cambridge como aluno; mais tarde foi pesquisador e chegou a ser altamente influente no estudo dos primórdios da pré-história européia; ele iniciou na arqueologia uma nova abordagem, com base na devida apreciação da interação do homem com seu ambiente.

Não existe um número suficiente de biografias ou autobiografias detalhadas de arqueólogos. Quando são escritas, têm geralmente grande interesse acadêmico e muitas vezes são pitorescas, como a autobiografia de Wheeler ou sua biografia mais pessoal, escrita por Jacquetta Hawkes, que fala tanto da fraqueza de Wheeler por mulheres como de seu talento como arqueólogo. Eu gostaria de pedir aos arqueólogos que lerem este livro que escrevam suas autobiografias com detalhe e sem medo. Deveriam escrever um primeiro volume aos 40 anos e acrescentar cada década subsequente aproveitando a oportunidade para rever e comentar o que escreveram antes. Esses volumes não seriam necessariamente destinados à publicação (se fossem honestos, eles muitas vezes ofenderiam ou agrediriam pessoas vivas), mas serviriam como dados para os historiadores de arqueologia no futuro. Skinner, antiquário e arqueólogo do início do século XIX, escreveu quase cem volumes assim. Quando deu cabo da própria vida, em 1840, ele os deixou com o Museu Britânico com instruções para que só fossem abertos em 1900. Hoje eles servem como uma grande fonte para o conhecimento da história social e da arqueologia no tempo de Skinner, mas é possível ver por que ele relutou quanto a sua divulgação enquanto os alvos de suas amargas observações ainda estavam vivos.

Escrevi parte de minha autobiografia, iniciando-a, contudo, tarde demais, quando a memória já falhava (e, o que é pior, havia se tornado seletiva). É difícil ser honesto até consigo mesmo; minha experiência diz-me que, ao menos para o arqueólogo, uma abordagem temática apresenta mais probabilidades de ter êxito e de ser mais útil do que a cronológica, contanto que haja uma estrutura lógica para os eventos. Embora aqui não seja o lugar certo para minha autobiografia, encerro este capítulo com um breve exame de minha carreira, incluindo apenas os aspectos que tenham uma importância direta em relação aos temas deste livro. Servirá como o estudo de um exemplo de como e por que um arqueólogo seguiu seu caminho.

Nasci em 1921, e era o caçula entre cinco irmãos. Meu pai tinha graduação em Língua Inglesa e em Ciências, passando a ser uma autoridade em gramática inglesa e trabalhando como professor. Quando criança, nas férias levavam-nos para ver castelos, abadias e museus, e sem dúvida isso lançou algumas sementes. Cursei o clássico, e lembro-me de ter ficado intelectualmente estimulado (uma coisa rara — a escola para mim era uma tortura) com J. E. Barton, o diretor, que dava aulas, com o auxílio de *slides*, sobre Micenas. Após o exame final em que mal consegui passar, eu já não suportava mais estudar, e deixei a escola aos 16 anos para trabalhar como aprendiz de contador. Percebi rapidamente a imoralidade fundamental dessa profissão (fazer com que os ricos fiquem mais ricos ainda). Fui salvo de tudo isso pela Segunda Guerra Mundial.

Eu me interessara um pouco por arqueologia desde que participara na exploração de cavernas em Mendip Hills, ao norte de Sormeset, na adolescência. Comecei a perceber não apenas a paisagem de Mendip, com túmulos e outros vestígios de edificações, mas também a arqueologia que, naquela área, estava associada às cavernas e seus exploradores. Estes últimos, no decorrer das escavações para chegarem aos sistemas de cavernas, muitas vezes descobriam material arqueológico (cf. Wookey Hole e as Cavernas de Cheddar). Na verdade os dois fatores se combinavam academicamente na Sociedade Espeleológica da Universidade de Bristol, que publica trabalhos sobre exploração científica de cavernas e sobre arqueologia, num jornal no qual vim a colaborar.

Na Real Força Aérea eu carregava baterias, tornei-me um especialista na parte elétrica das bombas controladas por rádio (a guerra termi-

nou exatamente quando começamos a fazer as coisas funcionarem), mas também assistia a aulas de filosofia; e (talvez o mais importante para um arqueólogo) aprendi a viver em más condições e a "conviver" com as pessoas mais desagradáveis que eu já encontrara em minha vida reclusa. Saí em 1944 como instrutor de ensino, preparando aviadores para voltar à vida civil e ensinando contabilidade e assuntos de interesse geral. Esse foi o início de minha carreira como professor e conferencista. O mais importante é que fiquei estacionado em Salisbury Plain, perto de Stonehenge. Lá me vi ocupando a cama ao lado da de Ernest Greenfield, um arqueólogo veterano que me estimulou, em nossas caminhadas pela planície, a desenvolver meu incipiente interesse pela arqueologia. Minha primeira "palestra" sobre arqueologia foi uma fala de 10 minutos no curso de instrutores, sobre as indústrias mesolíticas de Tardenois e o Mas D'Azil, com dados colhidos num famoso livro didático.

Após a guerra, em 1946, comecei a escavar por conta própria em Somerset, ajudado pelos conselhos de Greenfield e de arqueólogos locais. Não era um emprego; eu escavava nos finais de semana e nos feriados, auxiliado por minha esposa e por amigos. Eu ganhava muito mal no "Studio Rahtz", empresa individual, fotografando crianças, cachorros e casamentos. Imaginava que minha primeira escavação era um túmulo da Idade do Bronze, mas era um moínho medieval – talvez uma profecia sobre meu futuro interesse pelos assuntos medievais. A segunda foi um templo romano em Pagans Hill, e ali também havia níveis saxônicos e medievais em cima. Em 1950 ingressei num esquema de emergência para o treinamento de professores (no qual quase não passei) e lecionei em modernas escolas secundárias em Bristol, de 1951 a 1953. Era ainda pior do que estar na escola como aluno e fez aflorarem em mim insuspeitadas tendências homicidas latentes. Minha única saída era levar os meninos para escavar em Pagans Hill.

Em 1953 eu estabeleceu uma reputação local como escavador amador, e aconteceu então que naquela área seria construído um novo reservatório. Nesse ponto entrou o elemento sorte. Brian O'Neil, então inspetor-chefe de Monumentos Antigos, pediu-me que explorasse um trecho de uma estrada romana que seria inundada; concordei, muito liisonjeado. As grandes surpresas foram que (a) eu ganharia uma *barraca* para colocar as ferramentas, (b) teria *operários* para o trabalho de escavação e – o que é mais gratificante – (c) seria *pagado* pelo serviço. O trabalho deveria durar duas semanas, durante as férias escolares.

O trabalho de construção começou na Páscoa, e grandes máquinas

circulavam pela paisagem. Numa área com mais de 800 hectares, onde nunca haviam sido feitas descobertas, surgiram sítios – pré-históricos, romanos e medievais – por toda a parte. O trabalho teve de ser prolongado, Greenfield (então desempregado) juntou-se a mim e eu larguei todo o resto. Desisti de lecionar para me tornar um escavador profis-

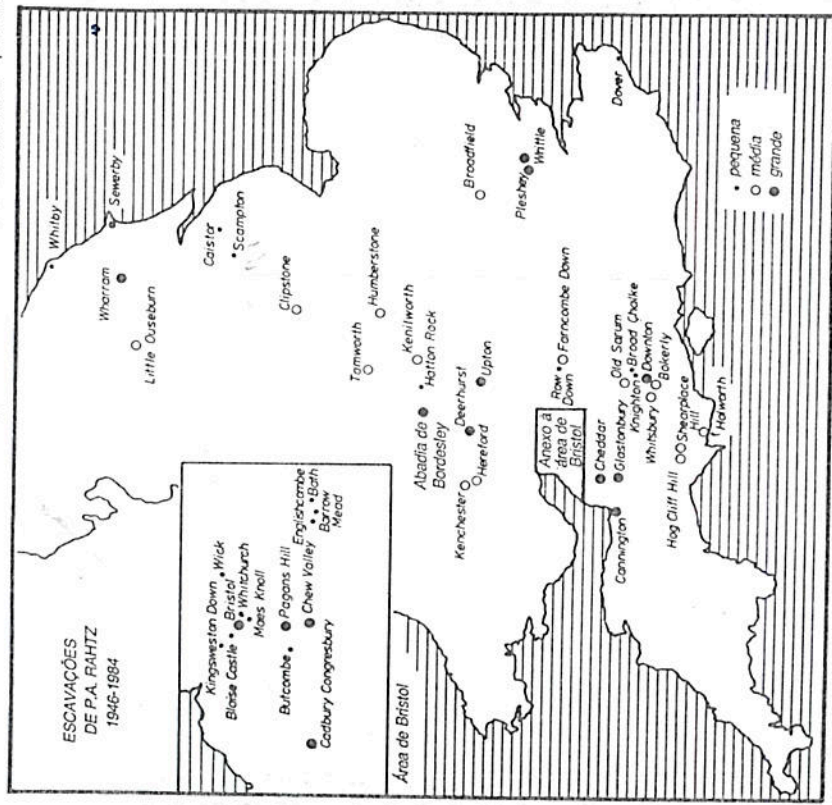


Figura 4 Escavações de P.A. Rahtz, 1946-84.

sional, trabalhando para a Superintendência de Monumentos Antigos e para quem mais me pagasse.

Era uma coisa arriscada; éramos pagos por dia de trabalho, e não havia nenhuma das garantias existentes no magistério; além disso, na época eu tinha três filhos. Contudo, eu estava mais interessado nas escavações do que no bem-estar de minha família. Escavei em regime de tempo integral entre 1953 e 1963, obtendo alguma experiência de ma-

gistério extraclasse. Escavei sítios mesolíticos, neolíticos, da Idade do Bronze, da Idade do Ferro, romanos, da Idade Média, saxônios e medievais em 14 diferentes condados ingleses (figura 4) e em Gana, na Iugoslávia e na Grécia. Adquiri grande experiência prática em muitos solos e tipos de sítios – cavernas, construções, estradas romanas, cemitérios, vilas, templos, moinhos de água, igrejas, mosteiros, palácios, fossos, cidades, castelos, fortalezas e mesmo um túnel normando. O que é mais importante, aprendi a desenhar e escrever, e a *publicar* os resultados das escavações.

Em 1963, quando me candidatei a um posto de professor em Birmingham, podia exibir um bom número de publicações de relatórios de escavação, e consegui o cargo. Eu ainda não tinha graduação alguma, mas logo depois escrevi uma tese de mestrado sobre os palácios saxônios e medievais de Cheddar, o que me granjeou respeito no meio acadêmico.

Devo ressaltar que até então eu fora simplesmente um técnico. Fazia as escavações e relatava os resultados. Havia pouca ou nenhuma tentativa de colocá-los numa estrutura maior de pesquisa, ou de *explorá-los*. Naquele tempo isso me satisfazia, mas agora seria diferente. Eu não só tinha de ensinar aos alunos a *síntese* da arqueologia (principalmente da medieval, já que eu estava no departamento de *História*), mas esperavam que eu realmente pesquisasse, em vez de apenas desenterrar coisas, que eu fizesse contribuições para o conhecimento em vez de apenas relatar. Em 1968 eu estava tendo certo êxito no trabalho de sintetização da Idade Média em Somerset, à qual se relacionavam muitas escavações. A partir de 1971 (quando eu tinha 50 anos) apresentei uma produção regular de trabalhos sobre síntese e sobre metodologia, além de outros relatórios de escavações (pois continuei ativo no setor). Em 1978 eu já publicara mais de 100 relatórios ou livros, e diversas notas e resenhas mais efêmeras.

Nesses 15 anos eu abri meu caminho (ou fora empurrado) até o nível acadêmico de professor titular, e fui então indicado para a nova cadeira de Arqueologia em York. À luz da minha base relativamente não-acadêmica, isso foi uma surpresa (especialmente para mim!), mas também um desafio. Eu já formulara então muitas das idéias e das atitudes expostas neste livro, e tinha também idéias firmes sobre o que se deveria ensinar aos alunos de Arqueologia e de História e sobre os métodos para fazê-los aprender com mais eficiência.

O novo curso foi estruturado em 1978, e os primeiros alunos chegaram em 1979, bem como a primeira integrante de minha equipe, Tania Dickinson. Ela era tão acadêmica quanto eu era um “escavador maluco” e formamos uma boa equipe nos primeiros anos, ajudados e estimulados por vários bons alunos, dos quais alguns ainda estão trabalhando em arqueologia. Agora temos mais dois membros na equipe, Harold Mytum e Steve Roskams, formados respectivamente em arqueologia e filosofia.

York foi o maior desafio de minha vida, assumido com a idade de 56 anos, o que nesse tempo era uma idade excepcionalmente alta para indicação como catedrático. Eu tinha de planejar um curso que permitisse aos alunos aprenderem *como* fazer as coisas (o lado prático da escavação, das pesquisas, dos desenhos, das fotografias e da redação); o que era o objeto da arqueologia – os *dados* básicos; e a *teoria* que existe atrás de qualquer tentativa de usar esses dados para aumentar a compreensão humana sobre o passado. Este último item era o mais difícil: nem Tania nem eu estivéramos muito envolvidos em assuntos teóricos (no sentido oposto ao da síntese de dados), mas tínhamos de aprender depressa, para que nossos alunos se sentissem à vontade no sempre mutável mundo da teorização arqueológica. E esse setor fora especialmente dinâmico na década de 70, com o estímulo de pensadores notáveis como Lewis Binford e David Clarke, dos dois lados do Atlântico. Meus horizontes teóricos e os de Tania foram muito ampliados desde 1978, e começamos a aplicar, em nossos próprios campos referentes ao período medieval, o que era basicamente uma teoria relacionada com a arqueologia pré-histórica.

Foi assim que me vi na curiosa situação (um tanto imprevista, à luz de minha formação) de proferir minha aula inaugural sobre “A Nova Arqueologia Medieval”. Era uma tentativa, embora ingênua, de indicar ao público universitário qual era o meu campo de trabalho, e como ele sofrera uma revolução com as mudanças teóricas da década de 70. O subtítulo de minha palestra era “O Rei Artur e sua Milésima Távola Redonda”, o que pode dar alguma idéia de seu conteúdo, mas este livro não é lugar para expor as filosofias dos tempos agitados em que nós, arqueólogos, vivemos.

Esta é, portanto, a história de um homem, a única que posso afirmar que conheço. Ela ilustra um caminho um tanto incerto para (finalmente) ser um arqueólogo, e serve também como introdução para o que

os arqueólogos *fazem* o tempo todo, que é o tema do próximo capítulo. A arqueologia não é, contudo, apenas *fazer*, mas também *aprender*. A mim, a arqueologia deu a instrução que me faltou no início da vida.

QUE FAZEM OS ARQUEÓLOGOS?

TIPOS DE ARQUEÓLOGOS

Há muitos tipos diferentes de arqueólogos, e cada um emprega seu tempo de modo diferente. Em termos gerais, algumas divisões são:

(1) Os organizadores da arqueologia: na verdade, eles são os administradores, são as pessoas que ficam nos bastidores, que estabelecem a estrutura organizacional dentro da qual outros arqueólogos trabalham. Assim são (na Inglaterra) os inspetores de monumentos antigos, que realmente "inspecionam monumentos", mas que principalmente controlam o gasto do dinheiro público, e os diretores de grandes unidades, como York ou Londres, que passam a maior parte de seu tempo em trabalho de relações públicas, negociando com os promotores de eventos, ou levantando fundos. Embora sejam arqueólogos experientes, de alto nível acadêmico (como Peter Addyman, de York), eles raramente fazem escavações, mas editam os relatórios que suas equipes preparam.

(2) Os coletores de dados: são a principal mão-de-obra arqueológica. Entre eles estão fotógrafos aéreos, que voam regularmente para localizar novos sítios mostrados por mudanças no crescimento das plantações, marcas ressecadas sobre muros soterrados, ou outras mudanças no solo causadas por uma atividade antiga que só podem ser apreciadas de certa altura. Há arqueólogos que caminham por todos os campos ou montanhas de grandes áreas, marcando num mapa todas as descobertas de cerâmica, pedras, ossos e outros materiais, para que se possa formar alguma idéia da densidade da ocupação anterior ou do uso da terra em diferentes épocas. Outros pesquisam todos os monti-

culos e covas do solo, e assim traçam planos de sistemas pré-históricos de campo ou de vilas medievais abandonadas. Muitos arqueólogos estão envolvidos na observação de todas as perturbações havidas no solo — causadas por estradas, por oleodutos, pela exploração de pedreiras — para registrar quaisquer traços ou descobertas que possam surgir. Há aqueles que realmente fazem escavações, recuperando complexos dados provenientes do solo, ou que atuam como mergulhadores. Estes são logicamente os mais conhecidos do público, já que estão sempre descobrindo algo de novo — “nunca se sabe o que eles poderão encontrar”; esse trabalho é considerado mais atraiante e emocionante do que caminhar sobre o campo, mas também pode ser entediante. Antigamente, na Grã-Bretanha, e hoje ainda em muitos países, sobretudo no Mediterrâneo, a mão-de-obra básica era de operários pagos, contratados com esse objetivo; não se pode esperar que eles tenham muito interesse no significado do que fazem, mas podem ter uma extraordinária percepção sobre os estratos e as questões práticas, graças a sua maior experiência no trabalho de construção ou na escavação de drenos. Atualmente, na Inglaterra, a mão-de-obra básica consiste em escavadores profissionais mal remunerados (geralmente arqueólogos formados), estudantes ou voluntários. Finalmente, alguns arqueólogos trabalham internamente, coletando dados históricos a partir de documentos e livros, para completar o trabalho de seus colegas no campo. A “catalogação” etnográfica será tratada no próximo capítulo.

Obviamente, há uma superposição entre todos esses coletores de dados e o próximo grupo, os processadores de dados. Muitas pessoas fazem as duas coisas ao longo de seu trabalho.

(3) Os processadores de dados: as acrofotografias têm de ser reveladas e copiadas, e projetadas nos mapas, antes que se possa determinar sua utilidade; o levantamento das edificações, o mapeamento de descobertas de campo e o monitoramento de destruições devem ser claramente anotados para publicação. Todas as descobertas recuperadas devem ser limpas, marcadas, conservadas, fixadas, identificadas e catalogadas.

O trabalho posterior de processamento dos dados coletados numa escavação é enorme, e o problema de sua execução é a principal razão para os alarmantes atrasos entre o trabalho de escavação e sua publicação. Há tanta coisa envolvida num sítio complexo, tantos especialistas trabalhando nele, que pode levar 20 anos ou mais para que os dados sejam publicados. Mesmo com meu bom índice na publicação de mi-

nhas escavações, ainda há diversas escavações que dirigi no final das décadas de 50 ou 60 que ainda não foram publicadas, não em virtude de algum tipo de negligência de minha parte, mas em vista da dificuldade na obtenção de relatórios de especialistas em ossos, amostras de solo, etc. É também muito mais fácil conseguir fundos para escavações do que para o trabalho posterior à escavação, mesmo que para este seja necessário quatro ou cinco vezes o número de homens-horas nela utilizado. No exemplo de Jewbury, já citado, a Sainsbury's era legalmente obrigada a pagar pela escavação — a “remoção dos esqueletos” —, mas não tinha nenhum compromisso com o estudo desses ossos. As licenças oficiais dadas para a utilização de pessoal desempregado nos projetos arqueológicos não se estendem ao trabalho de pós-escavação. Vários arqueólogos estão atualmente empregados como *ghost-writers*, preparando para publicação relatórios de escavações, os quais, por motivos diversos, não podem ser escritos pelo próprio escavador — ele morreu, ou emigrou para a Austrália, ou está exercendo um cargo que não lhe permite tempo livre, ou simplesmente é incompetente para escrever.

Os especialistas em processamento de dados podem trabalhar em museus ou laboratórios e são altamente capacitados, utilizando equipamentos sofisticados e muito caros, como a máquina de meio milhão de libras instalada em Oxford para fazer a determinação precisa de datas por carbono-14 em amostras de material orgânico, como o carvão vegetal.

(4) Os analistas de dados: aqui também não há uma nítida linha divisória com os itens (3) e (2). Muitos dos processadores de dados estão também envolvidos no estudo dos objetos, num esforço para dar *sentido* a eles em termos de elucidação ou de história. Alguns arqueólogos coletam, processam e analisam seus próprios dados, sendo difícil para eles dizer onde começa e onde termina cada função; no entanto, há nítidas diferenças conceituais entre (1) e (4) e há muitos (como os desenhistas técnicos) que nunca passarão de (1), (2) ou (3) para (4). Eles são realmente técnicos, e estão lançando as bases para os que trabalham no item (4) e em fases posteriores. De modo inverso, há aqueles que raramente se envolvem nos serviços de (1) a (3) mas atuam no nível (4), dando “sentido” ao grande volume de dados processados.

(5) Os sintetizadores: a síntese pode ocorrer em nível de sítio, como por exemplo ao se dar um sentido geral a centenas de sepulturas de um cemitério; em nível local, considerando-se o padrão de ocupação de

uma determinada paróquia (ver, por exemplo, Wharram Percy, no capítulo 8); em nível regional, reunindo-se todos os dados sobre vilas medievais de um condado; em nível nacional, considerando-se, por exemplo, todos os círculos de pedra da Grã-Bretanha, ou todos os escudos saxônios; ou mesmo em nível internacional, comparando-se as ocupações da Alemanha com as da França, ou os megálitos de Malta com os da Irlanda.

Seguindo essas divisões da arqueologia, vamos também subindo na escala acadêmica, dos operários não-especializados ao lavador de objetos, dos supervisores de sítios aos diretores de escavações, até os diretores de unidades e os arqueólogos acadêmicos de instituições oficiais ou de universidades. De (1) a (5), estão todos realmente relacionados com o *material* da arqueologia, o volume de dados processados e sintetizados que resultaram de diversos tipos de observação, e que devem ter sido publicados.

Resta ainda o trabalho realmente importante, (6) a *interpretação* desse material, para que sejam feitas afirmações significativas sobre o passado, sobre o *que* aconteceu, *onde* aconteceu, *como*, *quando*, ou, mais especificamente no atual espírito da investigação arqueológica, *por que* aconteceu. *O que* era o trabalho de ferro na Idade do Ferro? *Onde e quando* se desenvolveu primeiro a fundição? *Como* era feita em termos de técnica e, o que é mais importante, *por que* alguém desejaria fundir o ferro em primeiro lugar? Por que as pessoas já não se satisfiziam em utilizar a pedra ou o bronze? As ferramentas de pedra já existiam havia milhares de anos. Como se deu a necessidade de mudança (se esta for mesmo a explicação)? Quais eram os fatores econômicos e sociais que provocaram tal revolução? E que mudanças resultaram desses novos desenvolvimentos na tecnologia? Quem idealizou a utilização do ferro numa sociedade?

Nesse nível de trabalho arqueológico, estamos realmente no mundo acadêmico, nas universidades ou nas instituições públicas ou privadas equivalentes. Os arqueólogos que trabalham nesse nível são os "líderes" mencionados nos capítulos anteriores. A partir de tais perguntas "grandes" e de possíveis respostas surgem problemas ainda maiores de pura teoria. Qual a relação do lixo com o comportamento humano? Que leis gerais sobre o comportamento humano podem ser deduzidas a partir da compreensão que temos do passado? O que é, essencialmente, o homem? E como ele difere de outras espécies?

O QUE É SER ARQUEÓLOGO

Na segunda parte deste capítulo seremos mais realistas; sairemos da classificação abstrata da hierarquia do trabalho arqueológico e examinaremos o que é exercer um determinado cargo ou ser estudante. Podemos não saber muito sobre a vida cotidiana do fazendeiro da Idade do Bronze, mas *sabemos* sobre o cotidiano do estudante, do trabalhador numa escavação, do profissional que trabalha em tempo integral numa unidade grande e do professor de Arqueologia. Poderiam ser descritos muitos outros tipos de vidas cotidianas de arqueólogos, mas estes são os quatro sobre os quais posso escrever com algum conhecimento. Inevitavelmente, essas descrições não serão totalmente generalizadas; são representações individuais de uma classe ou de um lugar; o estudante é, por exemplo, um estudante de York; o profissional está na Curadoria Arqueológica de York, o professor de Arqueologia sou eu mesmo.

O estudante

Em geral, o estudante que ingressa numa faculdade de Arqueologia terminou o colégio há pouco tempo. Alguns (e recomendamos isso) gã-rantem seu lugar na universidade e depois trancam a matrícula durante um ano, para viajar ou para adquirir experiência de "vida", e para adquirir alguma experiência em escavação, que poucos obtiveram durante o tempo de colégio. Há também os alunos mais velhos que trabalharam em arqueologia muito superficialmente durante alguns anos, se tornaram muito interessados intelectualmente e agora desejam saber mais sobre "o que significa tudo isso". Alguns desses são bem-vindos — seu esforço compensa seu aproveitamento escolar normalmente baixo.

Em geral os primeiranistas têm pouca noção do que significa a arqueologia. Poucos a estudam no segundo grau. É surpreendente ver como poucos, quando vão fazer a entrevista, chegaram até a ler um livro sério sobre arqueologia (que não sejam do tipo *Tesouros do Passado* ou *Eram os Deuses Astronautas?*). Cabe-nos descobrir, por meio de uma discussão criteriosa, se eles têm um interesse autêntico e se serão capazes de se portar como boas "páginas em branco" onde poderemos imprimir um conhecimento. Buscamos qualidades como inteligência, imaginação, uma personalidade viva e desembaraçada e uma grande

abrangência de interesses culturais (inclusive a ficção científica!). Se acharmos que eles estão realmente interessados em *peçoas*, e não em *coisas*, recomendamos que pensem melhor e estudem História, Antropologia ou uma ciência social.

Tendo vencido as dificuldades de conseguir acomodação, o estudante chega e se estabelece. É um início difícil. Há freqüentes problemas de adaptação a um modelo de educação onde é preciso *aprender*, e não *ser ensinado*, e a uma vida de liberdade e de vícios e prazeres tentadores. Em geral os estudantes sentem saudades de casa ou sofrem os sintomas da distância em virtude da interrupção temporária ou permanentemente de um relacionamento emocional. Nessa situação difícil, tudo é jogado em cima deles — todo o aparato da vida e do trabalho num *campus* e (no departamento) uma enxurrada de artigos, resumos, bibliografias e tópicos para ensaios. Eles se vêem frente a pessoas estranhas que vivem e respiram a arqueologia e esperam que eles façam o mesmo. Cedo descobrem que na verdade somos seres humanos que, embora trabalhem duro, também se divertem muito e que fazem coisas corriqueiras como cuidar do jardim ou assistir à televisão. A maior parte dos alunos em breve nos trata com intimidade (essa é uma grande revolução nas universidades britânicas nas duas últimas décadas).

Nossos alunos se matriculam num curso em York. Aprendem sobre a arqueologia, a arquitetura e a história do lugar onde viverão durante três anos. Em geral é a atração que York exerce como cidade histórica famosa que os faz candidatar-se. Eles vêem as escavações de York e conhecem os muitos arqueólogos que trabalham lá, no campo, nos escritórios e nos laboratórios, e os que trabalham na arqueologia de Yorkshire. É preciso freqüentar aulas, tanto sobre York quanto sobre os princípios e os métodos da arqueologia, trabalhar em projetos, preparar seminários e escrever ensaios. É tudo muito cansativo, mas no final do semestre eles ao menos sabem o que é arqueologia, fizeram novas amizades e estão prontos para um intervalo de Natal com a família (com muito trabalho e leitura para fazer). Assim como a maioria dos universitários, eles se desenvolvem muito depressa, tanto que os pais mal os conhecem; alguns nos culpam pelas mudanças operadas em seus queridos filhos e filhas.

No restante do primeiro ano eles fazem uma viagem de campo e ficam morando numa área distante; aprendem mais sobre os princípios da coleta e da análise de dados arqueológicos e das técnicas práticas de pesquisa e da pesquisa em campo. Aprendem a conversar, a expor os

relatórios de seminários, em vez de lê-los, e estudam um tema importante, como "a colonização rural e a economia". Nessa época eles já aprenderam, com vários graus de êxito, a combinar o trabalho com o prazer, a passar os olhos nos livros em vez de *lê-los* e a lidar com nossas incessantes exigências no sentido de um trabalho maior e melhor. Desenvolve-se uma identidade de grupo, e começa a surgir as discussões. O seminário ideal é aquele em que a ausência do professor não faz diferença. As tensões pessoais já foram resolvidas, ou os *modi vivendi* foram modificados. Ao final do ano letivo, fica claro para os alunos, e para nós também, quem realmente está trabalhando e desenvolvendo um bom conhecimento e quem está fazendo apenas o mínimo necessário para evitar ser reprovado ou, em casos extremos, ser afastado do curso. Alguns descobrem no primeiro ano que a arqueologia (ou mesmo a vida universitária) não é para eles — e "pulam fora". A grande maioria, contudo, corresponde muito bem às exigências de um curso de arqueologia.

Nas primeiras férias de verão, os estudantes fazem seis semanas de escavação, em geral nos sítios que financiamos ou administramos. Atualmente esses sítios são um forte de Roma e da Idade do Ferro, num promontório no interior da região Oeste de Gales, uma abadia cisterciense próximo a Birmingham ou o local da colonização rural de Whartram Percy, em Yorkshire Wolds, o qual abrange vários períodos (capítulo 8). Essa experiência proporciona uma esplêndida mudança em relação ao trabalho em sala de aula, uma oportunidade de realmente se aprimorar e uma experiência social muito ampla. Trabalhando como equipe, durante sete ou oito horas por dia, seis dias por semana, eles conseguem de fato se conhecer e gostam de coletar e analisar dados totalmente novos. Uma das coisas que a arqueologia tem especificamente a oferecer é essa oportunidade de trabalhar direto com a pesquisa básica; os alunos costumam fazer descobertas importantes e, o que é mais importante ainda, deduzir seu significado global. Logo descobrem que não são apenas os "especialistas", os profissionais, que descobrem todas as coisas interessantes em arqueologia, mas que podem ser *eles*. A maioria se sai bem no campo; inevitavelmente, há os que reclamam ("está úmido, está frio, a comida é horrível, machuquei as costas, fiquei com uma bolha, não podemos ir ao bar? Argh!, cortei uma minhoca ao meio") e é preciso admitir que certos alunos se sairão melhor na arqueologia "livresca" e devem evitar as espátulas, a lama e o carrinho de mão. Isso não importa, pois a arqueologia necessita de todos os ti-

pos de talento, especialmente dos intelectuais; mas é importante que todos os sintetizadores, que todos os *usuários* dos dados arqueológicos saibam como eles são obtidos — com sangue, suor e lágrimas — e o provável grau de confiabilidade dos dados publicados. (Veja meu trabalho “Qual a Probabilidade do Provável?”, reproduzido no capítulo 7.)

O verão é instrutivo: é aí que alguns alunos realmente são “picados pelo bichinho” (às vezes literalmente!) e decidem que vão se tornar arqueólogos a todo custo. Em geral o empenho aumenta, e quando voltam à universidade, no outono, eles chegam com um objetivo em mente. Outros temas são estudados (igrejas; mosteiros, urbanismo, práticas de sepultamento) e outras habilidades adquiridas (desenho, computação, fotografia, trabalho de laboratório). Eles começam também a trabalhar em suas próprias pesquisas — uma dissertação, em que desenvolvem a técnica de reunir os dados numa forma adequada para publicação. Algumas são de um padrão extraordinariamente elevado e algumas chegam a ser publicadas, um marco importantíssimo numa carreira profissional.

A avaliação por notas está sempre presente na mente dos estudantes; embora ela já faça parte da estrutura universitária britânica, e das expectativas da sociedade contemporânea, a educação não deveria se basear nela. Mas temos de avaliar e dar notas, e o elemento competitivo, em nossa sociedade socialmente evoluída, age como um estímulo ao trabalho puxado. Um olho voltado para as recompensas materiais do “bom desempenho” é um poderoso incentivo, embora possa parecer insípido para aqueles que vêem as universidades como locais para promover o desenvolvimento intelectual. A avaliação é feita por vários examinadores, inclusive um de outra universidade, e se baseia num amplo leque de itens: dissertação, exposição, seminário, currículo, trabalho de campo e exames escritos. Quando tudo isso termina, há a grande cerimônia de colação de grau, quando todos vestimos nossas roupas acadêmicas e os pais orgulhosos vêem os filhos de beca e capelo recebendo o grau de bacharel das mãos do reitor.

Aqueles que completam a graduação podem continuar a pesquisar para a obtenção de um grau mais elevado, mas isso está ficando cada vez mais raro, não por falta de talento, mas (na década de 80) em virtude das restrições financeiras impostas por um governo central que, na Grã-Bretanha, tem uma orientação econômica.

O restante tenta arranjar empregos, de curta ou longa duração. Qualquer experiência aqui é válida, não importa o quanto possa parecer

insignificante no momento. O importante é sobreviver e, de preferência, fazendo arqueologia. Alguns preferem desistir e procurar ofertas mais lucrativas no serviço público, no ramo bancário ou na administração de empresas.

Uma habilidade que se aprende é como trabalhar em arqueologia enquanto se sobrevive com recursos da previdência social. O crescente desemprego poderá tornar isso mais aceitável em nossa sociedade, e no futuro os benefícios monetários podem ficar disponíveis mais rapidamente para aqueles que estejam trabalhando em algo que valha a pena.

Esperamos que, mesmo que nossos estudantes não se tornem “profissionais” em regime de tempo integral ou “desempregados remunerados”, a arqueologia permaneça como uma parte importante de suas vidas, para trabalhar quando surgir uma oportunidade, sobretudo no início da aposentadoria.

O trabalhador de escavação

É preciso um livro inteiro só para contar o que acontece numa escavação, e ao leitor recomendam-se os longos capítulos sobre escavação em todos os livros consagrados. Aqui só podemos descrever o que se vê numa visita a uma escavação onde as pessoas estejam trabalhando. Reproduzo aqui a cena em Wharram Percy, para que seja lida juntamente com os aspectos mais amplos desse sítio, que ilustra um dos estudos do capítulo 8.

Numa grande escavação como essa, onde às vezes mais de 100 pessoas estão envolvidas, há uma considerável infra-estrutura. O trabalho é feito principalmente num sistema de escala, com apenas um profissional (a cozinha). Assim, vemos pessoas preparando verduras, lavando pratos e esvaziando latrinas. Alguns voluntários fiéis fazem a manutenção dos chuveiros quentes, consertam ferramentas e o equipamento de pesquisa, fazem bancos e cortam madeira para o fogo. No caso de Wharram, o professor Maurice Beresford (historiador de economia medieval) orienta essas atividades; sem tais habilidades administrativas, todo o edifício arqueológico ruiria. Em sua preleção matinal após o café, ouvimos a divisão das tarefas e a reclamação pelas falhas daqueles que deixaram os portões abertos, ou não lavaram a caneca de café à noite. Faz-se a previsão do tempo (chuva, frio e vento), um relatório sobre um “lurgi” que afeta os escavadores (um inseto que habita Whar-

ram e que todo ano sai para causar complicações estomacais nas pessoas — na Espanha ele está lá o tempo todo!) e quaisquer novidades interessantes, como a eclosão de uma guerra no distante mundo real; visitas importantes que são esperadas; conferências, caminhadas, excursões e filmes que estejam sendo programados.

As 9h15min estão todos trabalhando. A principal atividade que se vê agora é a escavação. Os operários também estão encontrando coisas, como ossos, vasos, ferramentas de pedra ou carvão vegetal, que são colocados em sacolas ou recipientes marcados para indicar precisamente onde foram encontrados. Rótulos de plástico com tinta à prova d'água estão sendo escritos para serem colados ao solo. Todas as diferentes áreas do solo, todos os buracos, todos os muros, todos os pedaços de pedra, na verdade todos os *contextos* têm seu próprio número e descrição; eles podem chegar a centenas ou milhares ao longo da escavação.

O supervisor do sítio cuida de tudo isso; ele supervisiona outros trabalhadores menos experientes e também escava. Periodicamente, ele faz exercícios de alongamento (a escavação induz à câibra) e toma notas em formulários apropriados para cada *contexto*, que tenha espaços para qualquer tipo de observação possível: o aspecto de uma camada, sua extensão, o que ela encerra, o que fica sobre ela, como ela se relaciona com outros contextos e o que ela "significa". Há espaços para desenhos e fotografias e para anotações sobre as descobertas. A compilação dessas folhas de contexto é o *registro* básico, juntamente com os desenhos, dos quais depende todo o resto. O preenchimento correto de uma folha de contexto, bem como a posterior edição, é um trabalho muito difícil e exige muito raciocínio e concentração. Não deve haver muito barulho (nada de conversas ou música de rádio); tudo o que se deve ouvir é o suave ruído da espátula nas pedras, o roçar das escovas, as vozes ditando as medições, uma discussão séria sobre a interpretação, o ruminar das vacas e o piar das cotovias.

Outros operários estão usando instrumentos de pesquisa, desenhando modelos de pedras e seções de solo e medindo as posições dos achados. Periodicamente, são tiradas fotos. As descobertas e as fotos são levadas para barracas, tendas ou *trailers* próximos. Os desenhos agora são retocados com tinta e são tiradas cópias, as folhas de contexto são verificadas, e os objetos descobertos vão para um departamento especial de descobertas, administrado por um supervisor de descobertas, que vai organizar sua limpeza e marcação. As descobertas são

então "examinadas" pelo supervisor e pelo diretor do sítio, para determinação de sua data e de sua importância, classificadas, catalogadas e embaladas. Pode haver especialistas nesse estágio — em nosso sítio temos um *trailer* montado especificamente para classificação e desenho da cerâmica (este último depois que os pedaços foram reunidos) e para identificação de ossos de animais.

Uma figura importante é o fotógrafo. Ele circula por todas as partes do sítio a intervalos regulares num jipe repleto de câmeras. As fotografias são tiradas em preto e branco e a cores, em *slides* e em papel, usando um tripé alto, o teto do jipe ou uma alta torre fotográfica. Ele tem um registro de cada tomada, que constam em seu índice e nos registros da escavação. Mais tarde ele envia cópias para os supervisores.

Antes de começar a escavação, seu diretor já trabalhou muito decidindo onde e como escavar, organizando o transporte do equipamento para o sítio, arrumando o espaço em torno da escavação, organizando o dinheiro e os artigos de consumo e de escritório e tomando providências gerais para que todos os sistemas estejam "prontos" quando chegar a maior parte da mão-de-obra. Seu trabalho é então o de fazer com que tudo funcione, estimular as pessoas, compreendê-las se algo funcionar errado, verificar os registros, discutir interpretações, avaliar as descobertas e, de modo geral, manter-se informado sobre tudo o que estiver acontecendo. Ele pode ter seu próprio caderno de anotações sobre qualquer aspecto da interpretação ou caminhar pelo sítio periodicamente, falando para um gravador. Recentemente comecei a falar para uma câmera de vídeo enquanto filmo o que está sendo falado. O diretor também tem de manter o moral e dominar os motins, em geral quando o clima piora muito. Ele costuma fazer isso mandando circular uma garrafa de uísque para consumo coletivo (um objeto muitas vezes encontrado no fundo das trincheiras dos arqueólogos); ou pára todo o trabalho, junta todos no jipe e os leva para o bar mais próximo, ou, se estiver muito quente, para o lago Wharram.

O diretor também escava, porque (como no meu caso) gosta de transferir a sujeira de um lugar para outro, ou para ficar intimamente envolvido em áreas essenciais onde precisa *ver* exatamente que relações estão sendo reveladas e para averiguar se sua importância está sendo completamente apreciada e registrada. Quando ele "chega" a uma área para fazer isso, cai o moral do supervisor do sítio!

Os trabalhadores, e especialmente os supervisores, devem ficar em contato com tudo o que estiver sendo feito e discutido, dados novos

O profissional na unidade

que foram encontrados ou novas teorias propostas. Isso é absolutamente fundamental se todos tiverem de trabalhar de forma significativa, e em geral os encontros de troca de informações são realizados após o chá. Um escavador desinformado é um escavador incompetente e infeliz.

Cabe ao diretor a responsabilidade de escrever sobre o sítio para publicação; quanto mais ele averiguar se todos os registros foram feitos corretamente, mais facilidade ele terá nesse trabalho (aprendemos isso por meio de amargas experiências). Os trabalhadores raramente aprendem como registrar corretamente até terem de descrever uma escavação (a organização é difícil!). Cada vez mais tentamos envolver muitas pessoas na fase de pós-escavação para frisar a necessidade de correção nos registros.

Finalmente a escavação termina, e todos os dados foram extraídos do solo. É quando a maioria da mão-de-obra se lembra de urgentes compromissos em outros lugares, deixando para algumas figuras heróicas (inclusive o diretor) o penoso trabalho de desmontar, limpar e transportar o equipamento, os veículos e os suprimentos. O diretor costuma contar com alguns fiéis auxiliares para ficar com ele (o que em geral é acertado antecipadamente) por um ou dois dias, para empacotar tudo.

É o bastante sobre escavação. Há sempre outras coisas acontecendo, que, embora não sejam a própria escavação nem nada relacionado com a infra-estrutura, fazem parte do projeto como um todo. Pode-se ver o pessoal registrando as plantas e as flores da localidade (elas sempre estiveram ali?), colocando pequenos mamíferos em caixas, à noite: eles gostam, é quente, e os mesmos animais voltam na noite seguinte. Outras pessoas fazem anotações a respeito das lápides ou fazem medições da igreja, desenhando-a pedra por pedra; cuidam da "disposição" das construções escavadas para apresentação aos visitantes; mostram aos visitantes o trabalho feito (um bom exercício para os escavadores) e finalmente percorrem os campos e as fazendas locais, registrando descobertas no solo arado, avaliando os modelos atuais da exploração e da administração da terra e registrando as lembranças das pessoas mais idosas sobre o passado.

Este relato sobre o trabalho nas escavações transmite provavelmente uma visão otimista, pois se baseia numa escavação de pesquisa numa paisagem rural isolada. É muito diferente do trabalho numa cidade, como veremos no próximo item.

O mundo da grande unidade urbana, como a Curadoria Arqueológica de York, é também mais profissional do que a maioria das outras escavações. Não quero dizer com isso que a arqueologia seja melhor, ou que a equipe seja mais dedicada, mas há obviamente uma atmosfera muito diferente em escavações que se prolongam por vários meses em comparação com as que duram apenas algumas semanas. É difícil manter o entusiasmo naquelas circunstâncias, especialmente quando a escavação vará todo o inverno em condições muito desagradáveis, com lama e frio. Somente os profissionais mais obstinados podem enfrentar esse tipo de coisa e ao mesmo tempo continuar a realizar registros eficientes. Desenvolvem-se nessas circunstâncias um espírito de equipe muito forte e certo *machismo*.

A unidade urbana existe para lidar com a arqueologia de uma importante cidade histórica, notadamente com as ameaças que surgem com o desenvolvimento e a renovação. Em York é preciso haver uma estreita colaboração com o Conselho Municipal, que é a autoridade de planejamento, para que se saibam quais as obras de desenvolvimento aprovadas para determinado ano, no ano seguinte ou no futuro próximo. Uma vez conhecidas a escala e a natureza do desenvolvimento, a empresa ou a empreiteira é contactada e informada sobre o potencial arqueológico da área a ser destruída. Muitas vezes essas construtoras mostram-se interessadas, ao menos em função de sua imagem pública, e dão grande apoio, em dinheiro ou em material, como o Lloyds Bank e a General Accident Insurance Company fizeram em York.

As escavações urbanas são complexas. Em York há 19 séculos de arqueologia, e os depósitos podem estar a sete ou oito metros de profundidade. Eles são imensamente ricos em estruturas e objetos, e as condições de preservação permitem que grande parte das evidências orgânicas sobreviva: estruturas e objetos de madeira, couro, tecido; musgos, insetos, plantas e sementes; microorganismos como parasitas gástricos (os esgotos de York fornecem grande quantidade de material para os ecologistas); e objetos de metal nas condições originais. Às vezes os objetos descobertos são extremamente valiosos e historicamente importantes; um exemplo foi a descoberta, em 1982, num poço de York, de um capacete do século VIII, hoje segurado em meio milhão de libras.

Não se pode lidar com todos os tipos de ameaças. Devem-se dis-

cutir as prioridades: o que deve interessar numa escavação extensa e de alto custo, o que precisa ser apenas escavado e o que pode ser muito bem registrado apenas a partir de uma observação do trecho destruído. Uma escavação pertencente à primeira categoria foi em Coppergate, onde se examinaram alguns dos mais ricos níveis vikings da Europa.

A equipe da Curadoria Arqueológica tem cerca de cem pessoas. Costuma haver diversas equipes de escavação em atividade em qualquer época, cada uma com seu supervisor e com seu departamento de objetos descobertos do sítio. Na sede da Curadoria há desenhistas, conservadores, especialistas em cerâmica, fotógrafos e pesquisadores de descobertas. Na universidade há uma completa Unidade de Arqueologia Ambiental, com diversos profissionais em regime de tempo integral, pagos com recursos do governo central, os quais trabalham com todas as "descobertas" não-arqueológicas que provêm dos solos ricos e alagados de York. Estima-se que um metro cúbico dos depósitos de Coppergate contenha meio milhão de "artigos" de interesse científico, muitos dos quais só podem ser vistos com um potente microscópio.

Há pessoas que escrevem relatórios para publicação nas séries especiais de York, e outras que os editam. Logicamente, existe uma equipe burocrática para permitir que tudo isso funcione - datilografando os relatórios, alimentando os computadores com dados, pagando os salários e mantendo a coordenação de toda a organização.

Tudo isso é a arqueologia de York como pesquisa planejada. Contudo, também neste caso há uma organização separada, a Cultural Resource Management Limited (Administração de Recursos Culturais Ltda.), cuja equipe cuida de tudo em matéria de publicidade e levantamento de fundos, bem como da elaboração e da venda dos *souvenirs*, réplicas, canecas e camisetas de Eric Blood-Axe, cartões-postais e *sildes*. Em York há uma loja especial onde essas coisas são vendidas e uma divisão de marketing direto. A CRM lucra milhares de libras que ajudam a manter a pesquisa arqueológica. É provável que isso vá se tornando cada vez mais importante no futuro, já que o governo central fornece cada vez menos verba e olha com bons olhos os esquemas de "privatização".

No topo dessa eficiente organização fica o diretor, Peter Addyman, ex-professor universitário que escolheu ficar no extremo difícil e profissional da arqueologia em lugar da vida reclusa da academia e do meio estudantil. Ele e sua equipe mantêm um rígido controle sobre todas as atividades da Curadoria; cuidam para que as publicações saiam

com regularidade e com alto nível; eles também divulgam os resultados no mundo arqueológico por meio de conferências e palestras em universidades da Grã-Bretanha e de outros países, sobretudo na Escandinávia e nos Estados Unidos. Peter mantém-se a par de tudo que esteja acontecendo, mas tem de passar grande parte de seu tempo em atividades que nada têm a ver com pesquisa, participando de comitês, fazendo viagens para ministrar palestras, requisitando apoio da coroa e dos nobres. A rainha Margarethe, da Dinamarca, é uma inestimável patronesse e tem um interesse acadêmico no trabalho. O príncipe Charles, que estudou arqueologia em Cambridge, tem participado muito no fornecimento de apoio.

A Curadoria leva muito a sério seu papel educativo. Sua mais ambiciosa realização é um grande e novo museu, construído no sítio de Coppergate, o Jorvik Viking Centre. Não é um museu comum, com objetos em caixas de vidro e etiquetas explicativas. Após pagar o ingresso, o visitante (e a expectativa é de meio milhão por ano) senta-se num pequeno carro elétrico, uma "máquina do tempo". Então ele é levado, numa viagem ao passado, atravessando os últimos 10 séculos, emergindo numa reconstrução da Coppergate dos vikings. Ele passa lentamente por uma rua viking, onde há casas, lixo, gatos, excremento, gente discutindo, vendendo e fabricando objetos. O visitante ouve todos os ruídos dessas atividades através do som ambiental; o som de gente conversando num mercado foi gravado por islandeses em Reykjavik. Os aromas de peixes, de cozinha, de curtime, de queima de madeira e de esterco invadem as narinas. Os carros do tempo se aproximam do rio, onde um navio viking está ancorado descarregando mercadorias.

Então o carro dobra uma curva e entra numa réplica da escavação arqueológica, onde o viajante do tempo volta a 1980 e vê as evidências de tudo o que experimentou com todos os seus sentidos na primeira parte da viagem. Finalmente ele sai numa esplêndida "Sala de Artefatos", uma espetacular amostra de achados, e numa loja onde pode comprar livros, *souvenirs* e réplicas.

Esse projeto criativo e instrutivo é um grande clímax para 10 anos de escavações em York, e será muito importante no sentido de criar no público em geral o interesse pelo verdadeiro significado da arqueologia, de uma forma que pode ser totalmente compreendida por todos.

O professor de Arqueologia

Os professores escrevem livros, entre outras coisas; e é isso o que estou fazendo agora, no dia de Natal. Estou sentado na varanda de um quarto de hotel no sul da Espanha, aquecendo-me ao sol e de vez em quando deixando a escrita para mergulhar no mar, do outro lado da rodovia, ou na piscina aquecida que fica bem debaixo da minha varanda. À tarde, minha esposa e eu vamos caminhar pelas montanhas atrás do hotel para fazer um pouco de etnoarqueologia, um assunto que aparecerá no próximo capítulo.

Tudo isso é muito agradável, mas o que mais fazem os professores de Arqueologia?

Minha vida é dividida de modo quase equivalente entre a administração, o magistério e a pesquisa. A administração é necessária porque todo professor colabora na gestão da universidade, participando de comitês e da hierarquia dos dirigentes sob a liderança do vice-reitor. A maior parte de minhas obrigações administrativas refere-se, contudo, à gestão de meu departamento, que não é uma organização autônoma; faz parte da universidade, com vínculos muito fortes com a administração central. Eles cuidam da admissão, das mensalidades e das acomodações dos alunos de Arqueologia; e fornecem toda a estrutura financeira com a qual operamos. Somos um departamento relativamente pequeno e sem grandes despesas, em comparação com os "gigantes" da Física, da Química, da Biologia ou de Inglês; somos responsáveis por um gasto pouco superior a 250.000 libras por ano.

Minha experiência em York foi talvez um tanto diferente da experiência de outros professores (além da óbvia superioridade de York sobre outras universidades!). Afinal de contas, conforme disse anteriormente, eu tive de elaborar os nossos cursos detalhadamente, antes de ter uma equipe que me auxiliasse; de modo que meu primeiro ano em York foi inteiramente dedicado à criação desses cursos a partir do zero, antes da chegada da primeira equipe e dos primeiros estudantes.

Perde-se muito tempo respondendo às cartas. Elas variam bastante; há pedidos de informações a respeito de cursos, indagações sobre escavações antigas e atuais, cartas de excêntricos que descobriram uma vila romana ou um círculo de pedras em seu jardim, ou descobriram a árvore genealógica do rei Artur. Há convites para fazer conferências em congressos, em sociedades arqueológicas locais, seminários em outros departamentos de Arqueologia; escrever um livro para a editora Basil

Blackwell; ou participar de um programa de televisão. Há pedidos de referências para antigos alunos, e cartas desses alunos pedindo conselhos. Há fundos para prestar contas, problemas de seguros, prevenção de incêndios, manutenção do prédio (estamos instalados numa casa do século XVIII, um verdadeiro monumento histórico) e aquecimento. Minha eficiente e atenta secretária faz a triagem de todos esses assuntos para mim e muitas vezes prepara respostas adequadas que são muito melhores do que qualquer coisa que eu pudesse escrever; então eu as leio e assino.

O magistério me toma muito tempo. Num departamento pequeno, o professor tem de se empenhar e fazer valer sua influência sobre os alunos. Numa semana normal, no período letivo, posso passar dez horas lecionando pessoalmente — explicando e orientando — e muito mais preparando aulas, presidindo seminários, organizando e corrigindo ensaios, resolvendo problemas acadêmicos e pessoais dos alunos ou simplesmente conversando com eles sobre seu trabalho e sua vida em geral. Quanto mais o professor for visto pelos alunos, mais eficiente ele será como chefe de departamento. No inverno ele entrevista os candidatos, e no verão ele enfrenta o longo processo de organizar e corrigir as provas, fazer reuniões com os examinadores e decidir sobre as notas dos alunos.

Além de lecionar para os alunos de Arqueologia e História, há também as tarefas de magistério e supervisão na pós-graduação, que exigem mais ainda. Afinal, nas férias de verão, oito semanas inteiras são dedicadas a escavações, sua preparação e os problemas posteriores, e o número de horas em que o estudante fica em contato com o curso é provavelmente maior que o total de horas do restante do ano. Mas isso também faz parte da minha pesquisa, e grande parte desse tempo se encaixa em minha responsabilidade última, que é pesquisar.

Embora possa parecer estranho, os professores universitários não são admitidos por saberem administrar ou ensinar; não se pede nenhuma comprovação dessas atividades aos candidatos ao cargo, nem se oferece nenhum treinamento a quem não possua experiência em nenhuma delas (embora isso esteja mudando). O único critério é a pesquisa, o candidato deve ser um estudioso com alguma reputação em seu campo de atividade, o que é atestado especialmente por uma lista de publicações e pelas referências de quem o entrevistou. É o conjunto das pesquisas da equipe que serve de base à reputação da universidade. Uma vez aprovada, espera-se que a pessoa continue a publicar traba-

lhos e a manter-se na linha de frente em sua área. Obviamente, os alunos se beneficiam com tudo isso; o ensino na universidade pode não ser tão eficiente quanto poderia ser, mas deve estar no nível mais elevado possível em termos de oferecer ao aluno uma visão erudita e atualizada do trabalho num assunto específico.

Espera-se que o professor, uma vez aceito, não apenas continue a ser um líder em seu campo de atuação, mas também que seja o líder de sua equipe. Normalmente os integrantes da equipe já têm áreas específicas de interesse, mas o professor deve estimulá-los e aconselhá-los, e tentar organizar o trabalho do departamento de modo que eles possam prosseguir a pesquisa adequadamente e incorporá-la ao ensino. Assim os alunos sentem que são parte de uma instituição de pesquisa e terão orgulho de pertencer a ela.

Minha pesquisa é feita sobretudo à noite, nos finais de semana e nas férias, já que no período letivo a administração e as aulas tomam a maior parte do tempo. Mas, como digo a meus alunos, há *168 horas* numa semana, e deve-se aprender a tirar o máximo proveito dessas horas e das férias.

Grande parte de meu tempo de pesquisa é utilizado na redação dos resultados das escavações que dirigi, aprontando-os para publicação. Isso envolve a ordenação básica dos dados e a colocação dos resultados numa estrutura de conhecimento mais ampla. Por exemplo, atualmente estou redigindo trabalhos sobre uma igreja anglo-saxônica de Deerhurst, um túmulo da Idade do Bronze de Yorkshire e nosso longo período em Wharram Percy (capítulo 8).

Algumas pesquisas mais genéricas podem surgir a partir desses relatórios. Por exemplo, como consequência de eu haver escrito sobre um grande cemitério medieval em Somerset, interessei-me em saber por que as pessoas dispõem os túmulos em diferentes direções. Reuni todos os dados que pude sobre o assunto, e o resultado foi uma publicação chamada *Grave Orientation*. O trabalho não tratava do assunto nos estreitos limites da Idade Média em Somerset, mas em diferentes partes do mundo ao longo do tempo. Quando escavei um moinho d'água anglo-saxônica em Tamworth, não sabia nada sobre o assunto, mas não demorei a fazer descobertas, e desde então esse tem sido um de meus principais temas de pesquisa.

Também utilizei muito tempo na leitura de livros de arqueologia, para me manter pelo menos a par das áreas em que leciono, embora isso agora esteja ficando cada vez mais difícil em função da grande

quantidade de trabalhos que vêm sendo escritos. Minha pesquisa não é típica da maioria dos professores de arqueologia, já que não escrevo importantes trabalhos de síntese das publicações de outras pessoas (escrevo apenas resenhas), de modo que não dependo tanto das bibliotecas quanto muitos de meus colegas. A maior parte de meu trabalho provém do campo, e não dos livros. Uma parte cada vez mais importante de meu tempo é utilizada não apenas escavando, mas em viagens, uma forma de pesquisa ao ar livre especialmente indicada para os arqueólogos, envolvendo menos organização do que as escavações. Esse tipo de viagem, com o objetivo de pesquisar, é chamado de *etnoarqueologia*, e é o tema do próximo capítulo.

A vida do professor de arqueologia é então muito ocupada, repleta de trabalho, desafio e estímulo, e como um todo é um estágio final bastante satisfatório para minha carreira.

O leitor pode perguntar: a que horas eu vivo? Bem, para mim a arqueologia é vida, e as outras coisas (e pessoas) tendem a ser implacavelmente postas de lado. Felizmente meus filhos já são adultos, com suas próprias famílias, e minha esposa (ela também trabalha em arqueologia como *free-lancer*) e eu somos livres para aproveitar nossas 168 horas semanais. Nós *fazemos* outras coisas; quando estou cansado, *paro* e assisto aos seriados na televisão. Lemos romances na cama, fazemos muita ginástica para nos mantermos em forma e ouvimos música sempre que estamos trabalhando. Ao contrário de muitas pessoas, não consigo trabalhar em silêncio — preciso de uma parede musical para me fechar em meus pensamentos ou em meus desenhos. Assim, de modo geral é uma boa vida: escavar, viajar, desenhar, escrever e *conversar*.

INSTRUMENTOS E TÉCNICAS: ESCAVAÇÕES E ANÁLISES

A escavação arqueológica é uma complexa operação de equipe. A maneira de fazê-la depende dos objetivos do trabalho, dos recursos disponíveis (pessoas, tempo e dinheiro), do tipo do subsolo e do tipo do sítio. Nas escavações de recuperação em grande escala, podem-se usar grandes máquinas para a retirada das camadas superiores. Em Dorset, na Holanda, a maior parte de uma cidade dos séculos VIII e IX foi removida, cobrindo muitos hectares. As unidades de escavação eram de 40 x 20 metros (800 metros quadrados) e em cada uma gastaram-se apenas alguns dias, com 20-30 operários. No outro extremo, a escava-

ção de uma única sepultura com muitas descobertas pode fazer com que se demore uma semana ou mais. Em Wharram Percy (capítulo 8), uma cuidada escavação manual de 400 metros quadrados nos tomou cinco períodos de três semanas com uma média de 12 operários.

Além de máquinas potentes, os instrumentos comuns, como a pá, o forcado, a enxada e a picareta, são sempre usados para o trabalho pesado, quando se deve retirar grande quantidade de terra. Quando é preciso tirar de um fosso com 10 metros de profundidade toda a terra que o encheu ao longo dos séculos, o uso cuidadoso de ferramentas menores quase não o afeta. O instrumento típico para o trabalho mais cuidadoso é, contudo, a colher de pedreiro pontiaguda, com a lâmina em forma de diamante; numa escavação todos têm sua colher de pedreiro na mão ou no bolso da calça. Quando não chove, ela é usada em conjunto com uma escova, uma pá pequena e um pequeno balde para levar toda a terra para um carrinho de mão ou um caminho-basculante, ou para formar um amontoado.

A área a ser escavada pode ser pequena, até de um metro quadrado (escavações de teste como amostragem para uma área maior), ou trincheiras com um ou dois metros de largura (por exemplo, para se cortar um trecho de uma estrada romana). A maioria das escavações modernas, contudo, é feita em áreas de no mínimo 10 x 10m. As profundidades podem variar de 20-30cm, em áreas rurais abertas, até 6-8m, encontradas em depósitos urbanos profundos como os de York ou Londres, onde as moradias urbanas provocaram o acúmulo de milhões de toneladas de terra e de entulhos provenientes das construções.

O princípio da escavação é retirar as camadas acumuladas de terra, uma de cada vez, começando com o gramado e a superfície do solo, até que todo o material colocado pelo homem tenha sido removido, e ficam expostos no sítio o subsolo intocado ou a rocha. À medida que se vai descendo, são encontrados muitos vestígios, como valas, buracos de estacas, fundações de muros, poços e sepulturas. Tudo isso é notado por meio de diferenças na coloração ou na composição do solo, formas ou feitiços que indicam ao olho treinado onde houve uma estrutura ou uma alteração antigas. Para se verem essas coisas, o trabalho deve ser feito com muita limpeza, sem espalhar terra e sem fazer confusão, e com objetos pontiagudos limpos. Cada camada ou indício tem de ser definido separadamente, numerado e removido, fazendo-se também com desenhos, fotos e palavras um registro cuidadoso sobre sua apa-

rência, composição e extensão. A posição de qualquer achado — cerâmica, metal, vidro, pedra, etc. — também é registrada.

Escavar é destruir; normalmente, ao fim de uma escavação não resta nada a não ser a rocha natural, a argila ou o cascalho, com as formas dos buracos abertos onde estavam os vestígios, como os fossos, cujos conteúdos foram removidos. As únicas exceções são os lugares onde são encontrados paredes ou pisos que serão preservados para as pessoas verem. Muitos visitantes que vão às escavações ficam decepcionados ao saber que aquilo que estão vendo e está sendo explicado será removido ou preenchido novamente. O triste é que, se uma parede, um piso, ou mesmo os buracos dos pilares de um palácio forem deixados abertos, eles vão se deteriorar muito rápido pela ação do tempo, dos animais ou do vandalismo, a menos que se gaste muito dinheiro na conservação e nos cuidados posteriores.

Uma vez encerrada a escavação, o sítio é recoberto mecânica ou manualmente, e começa então o trabalho de análise dos resultados. Muitas escavações jamais são publicadas, e o trabalho de campo é visto como uma inexplicável destruição das evidências sem haver registro. Os escavadores perdem o interesse, mudam-se para empregos que os deixam sem tempo, emigram ou morrem; ou são simplesmente incompetentes para publicar o trabalho. Em todos esses casos, seria melhor se a escavação nunca tivesse sido feita.

O trabalho de pós-escavação é realmente complexo e exige habilidades que são mais raras do que as necessárias para a escavação. Os achados têm de ser conservados, desenhados e descritos por especialistas. Um relatório sobre um cemitério grande como o de Jewbury, por exemplo, envolverá profissionais de biologia humana trabalhando durante meses ou anos no exame e nas medições dos esqueletos humanos para descobrir dados sobre saúde pública, expectativa de vida, doenças e características da população enterrada. Os registros escritos ou computadorizados e, especialmente, os desenhos têm de ser reunidos, analisados e interpretados. Embora na escavação o trabalho se dê a partir dos níveis mais recentes até chegar aos mais antigos, por exemplo, começando pelos níveis modernos, passando pelos níveis medievais até chegar aos níveis romanos mais profundos, na análise da pós-escavação o processo é inverso. A seqüência de ocupação é reconstruída em fases, começando com as primeiras e terminando na mais moderna.

Texto, desenhos e fotos são finalmente reunidos para publicação e passam pelo processo comum de fotocomposição ou linotipia, provas e

confeção de capas. Cada vez mais uma grande parte dos trabalhos é computadorizada, pelo uso de processadores de texto e composição automatizada, havendo uma tendência no sentido de não imprimir muitos dos detalhes, que saíram em microfichas. A microficha é uma folha de filme com transparências miniaturizadas que podem ser examinadas com o uso de equipamentos especiais de leitura ou de potentes lentes de aumento; numa única microficha cabem 96 páginas de texto ou desenhos. Insere-se uma cópia em cada exemplar da publicação, o que pode reduzir o custo consideravelmente.

Os modernos relatórios arqueológicos, ao contrário (espero) deste livro, são de difícil compreensão para os não-arqueólogos, pois são cada vez mais técnicos, científicos e complexos. Contudo, eles são o registro básico do que foi encontrado (e destruído) e formam a base de toda a pesquisa atual e futura. Assim como as escavações atuais recuperam mais evidências do que as escavações feitas há 20, 50 ou 100 anos, também a quantidade de detalhes publicados aumenta na mesma proporção. Em 1979, foi feita uma escavação experimental em duas vilas romanas em Wharram Percy. Foi escavado um total de 50 metros quadrados em pequenas trincheiras ou buracos. Cerca de 15 pessoas trabalharam no campo durante quatro dias. O relatório produzido, que estamos prestes a publicar, levou cinco anos para ser feito, e será uma monografia de cerca de 100 páginas, com 37 figuras, e mais 100 páginas, no mínimo, em microfichas.

É um momento de prazer para o diretor de uma escavação quando os exemplares do relatório impresso chegam, para serem distribuídos aos amigos e aos colegas. É o produto final de um longo processo que começou com uma importante decisão: "Vamos fazer uma escavação aqui."

A ETNOARQUEOLOGIA, OU COMO EVITAR FERIADOS SEM GRAÇA

A ETNOGRAFIA NO PASSADO

Desde que o homem "civilizado" saiu de seu ambiente e começou a explorar áreas distantes onde os homens brancos eram parte estranha da paisagem, ele demonstrou grande interesse em encontrar povos e sociedades com estilo de vida, economia e crenças fundamentalmente diferentes dos da Europa. Tais povos pareciam "primitivos" e "atrasados", ignorantes sobre as coisas básicas como a necessidade de estar convenientemente vestidos, a utilização do dinheiro, a fundição de metais ou o conhecimento sobre rodas e máquinas. Como o homem europeu a partir do século XVI acreditava ser uma criatura admirável, não foi preciso muito para que começasse a olhar para as pessoas de culturas menos sofisticadas como "inferiores", apropriadas para o extermínio ou a exploração segundo os interesses da prosperidade européia.

Um estágio posterior, mais interessante, foi pensar que talvez esses povos pudessem ver uma representação viva do que fora nossa sociedade nos tempos pré-históricos. Os caçadores-coletores da África, da Austrália ou do Novo Mundo constituíam analogias para nossa vida pré-agrícola. Instrumentos de osso e pedra encontrados nos contextos pré-históricos europeus foram comparados com os instrumentos ainda em uso em áreas remotas, e assim sua função foi "explicada". Se, por exemplo, uma forma particular de instrumento de osso encontrado na Europa pré-histórica, cuja função não pudesse ser inferida, fosse exatamente igual a outro ainda usado pelos esquimós para esfoliar focas, então se supunha que nosso antigo instrumento era usado com o mesmo